

Hipermídia: tempo real e hiperestímulo. Uma análise discursiva do logotipo do webjornal Último Segundo

Maíra Nunes

Mestre em Comunicação, Imagem e Informação (UFF).
Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo (UFPB)
de Mídias.

Resumo

Este artigo propõe uma análise discursiva do logotipo do webjornal Último Segundo, verificando aspectos da relação entre tempo real e hipertexto no suporte eletrônico.

Palavras-chave: tempo real; hipertexto; discurso.

Abstract

This paper offers a discursive analysis of the Último Segundo web journal's logotype, checking aspects of the relation between the real time and hypertext in the electronic support.

Keywords: real time; hypertext; discourse.

Criar foi sempre coisa distinta de comunicar

Gilles Deleuze

É notório que as novas tecnologias da comunicação movimentam uma textualidade que lhes é peculiar. É preciso, no entanto, o cuidado de não naturalizar essa relação entre a tecnologia e um novo lugar do texto. Este artigo é parte de um projeto mais amplo: da vontade de suscitar um modo crítico e criativo de se pensar o advento do texto eletrônico na cultura tecnológica contemporânea.

Preocupa-nos pensar a textualidade não a partir de sua lógica interna, mas o entendimento de que é preciso considerar uma exterioridade, para olhar não o que está contido no texto, mas o lugar onde é possível que ele signifique. O nosso propósito é pensar a constituição de um sujeito que signifique a textualidade eletrônica, na cultura tecnológica contemporânea. Adotamos a exterioridade como referencial porque, com a Escola Francesa da Análise de Discurso, compreendemos que o texto é dotado de opacidade, de modo que não guarda uma literalidade, mas é significado a partir da constituição do sujeito e de seus sentidos.

45

Quando propomos a análise da constituição de um leitor afetado pela textualidade eletrônica (no formato que convenciamos chamar de hipertexto), estamos empregando à leitura o sentido de campo de subjetividade, processo de um sujeito de linguagem, constituído discursivamente. Bem entendido, a leitura não se restringe à decodificação verbal ou imagética de um indivíduo, mas ao processo de composição de sentido movimentado pelo sujeito constituído discursivamente. Queremos, assim, compreender que gesto de leitura ensaia um sujeito adaptado ao hipertexto no suporte eletrônico.

O hipertexto é um anexo de textos que se remetem uns aos outros por associações diversas, não-lineares, e conforme o percurso definido pelo leitor. O prefixo hiper vem do grego e tem o sentido de excesso. O hipertexto é um grande texto, sem seqüência pré-definida. O hipertexto se adequou à cultura tecnológica que enseja um suporte de texto diferente do códice. O suporte eletrônico é possível através da interconexão em rede de computadores. A sua prática se tornou comum a partir da cibernética e da digitalização da linguagem. A escritura digital se apóia numa rede de banco de dados, cujas unidades são informações armazenadas em bits, e tem no desenvolvimento da Informática sua possibilidade de processamento.

A Informática, ciência que se alarga na segunda metade do século XX, significa a informação como uma operação maquínica: em termos de um sistema digital cuja unidade mínima é denominada bit. A informação, nessa perspectiva, pode ser traduzida em cálculos e movimentada por máquinas. A informação maquínica se afirma por uma linguagem técnica e que se quer exata, auto-referente, fala por si.

Com a Informática, temos o advento da telemática e a possibilidade da interconexão de computadores em rede: o que viabilizou a constituição do suporte eletrônico como campo de linguagem. O suporte eletrônico se dispõe como uma rede armazenada em partículas de informação, sem delimitação explícita de fronteiras. É um suporte navegável: afirma-se pelas possibilidades de conexão. De modo que empresta uma experiência espaço-temporal flutuante e mediada pela técnica¹.

O tempo e o espaço, refeitos ao gosto dos aparelhos tecnológicos, não estão amarrados a uma relação de fixidez. O espaço, no suporte eletrônico, não se organiza por uma inteligência geométrica que precisa medida e forma. Trata-se de uma ocupação espacial afetada pelo sentido de mobilidade dos seus usuários e pela dinâmica de informações. A ocupação desse espaço se dá pelo cruzamento de dados: cada ponto de informação leva a outro numa disposição reticular, de modo que os pontos se subordinam ao fluxo. O trajeto não está, no suporte eletrônico, como via de chegada aos sítios. Os sítios são pontos de passagem no trajeto. Isso porque não há um corpo de texto com eixo central definido, mas partículas dispersas de informações, aptas à composição de uma textualidade.

Vamos examinar o códice: há uma armação que centraliza o corpo de texto. Há um estriamento na inscrição da linguagem: o sumário apresenta a disposição estrutural da obra; a seqüência de páginas; a organização em seções, ou artigos, ou capítulos; a voz de uma narrativa. Há uma harmonia de texto, uma força de conjunto, um arranjo do texto ao espaço que compõe uma forma. A forma dá-se não apenas pelo estriamento que organiza o texto na ocupação do espaço, mas também do tempo.

O códice permite que o eixo espaço-temporal seja cadenciado por um sentido de narrativa. A narrativa é um processo textual que elabora tempo, ação e enredo. O gesto de narrar é também um gesto de fabular o tempo. Benjamim, em seu texto *O Narrador*, observa de que modo a vontade de informação, na modernidade, com seu poder de agora e sua urgência, propõe uma linguagem que se afirma pelo plausível. Enquanto a narrativa clássica se vale do valor da experiência como partilha, a informação quer pontuar fatos². É pertinente questionar se a valorização de uma linguagem que pontua o factual não desorganiza a fabulação de um tempo narrativo. O tempo narrativo é organismo de texto. Presumimos que a elaboração narrativa do tempo é subtraída numa linguagem adequada às tecnologias. Queremos investigar de que modo o tempo adaptado às novas tecnologias da comunicação compõe (e é composto por) uma textualidade eletrônica.

A tecnologia catalisa a experiência humana com o tempo e o espaço, num esforço de superação das condições limites do homem. As máquinas se afirmam por um potencial de aceleração e, à medida que são regularizadas na vida social, organizam uma dinâmica peculiar do tempo. É pertinente salientar

que essa aceleração acompanha uma nova moral do tempo: a pressa como valor e normalização social.

Podemos averiguar como essa moral do tempo está presente no sentido de tempo real empregado pela hipermídia. Sabemos que o tempo, no circuito tecnológico, serve a uma rede de computadores, em que informações precisam estar em transmissão contínua e cada vez mais célere. O tempo real, numa acepção do senso comum, é a vontade da instantaneidade entre o fato e sua transmissão (notícia).

A práxis da hipermídia, sua vontade da instantaneidade, dá-se num processo de contínua atualização da página de notícias, pontuando sempre a hora em que foi colhida e atualizada. A notícia nunca está acabada, mas sempre sujeita a uma atualização. Esse processo que o webjornalismo chama de atualização é um constante rearranjo textual. O texto, assim como tempo, desdobra-se em níveis de informação. O tempo, na esfera eletrônica, não se textualiza enquanto seqüência. O encadeamento de informações não compõe uma escala narrativa que ajusta o seguimento do texto a um sentimento de passagem do tempo. O tempo está valorado, sobretudo, como intensão (velocidade), e não como extensão (medida). A velocidade dessa prática de linguagem é excitada, na medida em que sua força criativa é diminuída. Potencializa-se o poder de circulação do texto e, na mesma proporção, sua duração é abreviada.

47

Vamos tomar a relação entre esse valor de tempo e a linguagem na esfera digital, a partir de uma análise discursiva do logotipo do webjornal Último Segundo. O Último Segundo, que entrou no ar em caráter público pela primeira vez no ano de 2000, foi um dos primeiros jornais estritamente eletrônicos, de grande porte, do Brasil. E é, hoje, um dos mais acessados pelo público nacional. Vejamos seu logotipo.

As cores convidam logo à atenção: o vermelho se destaca de imediato, sugerindo a intensidade que uma cor quente reclama. As letras que nomeiam o webjornal (e seu patrocinador) estão em cinza. O cinza é uma cor de matiz metálica e remeta à idéia de tecnologia. A cor das letras sugere uma linguagem que se ajusta à aplicação tecnológica, como uma funcionalidade dos dizeres na rede.

Sobre essa funcionalidade dos dizeres, é pertinente assinalar que um dos critérios de organização da linguagem no webjornalismo é um termo conhecido como usabilidade. Os estudos de usabilidade partiram do seguinte interesse: queriam averiguar como se dá o processo de leitura na tela de um computador. Acreditou-se que o olhar se comporta de modo peculiar no monitor, o que motivou seu estudo. O leitor do texto eletrônico não organiza um material de leitura que segue uma ordem seqüencial de palavras, de modo que o usuário percorre o olhar sobre a tela, à procura de palavras-chaves ou ícones que despertem seu interesse. Essa constatação levou a crer que os olhos do usuário no suporte eletrônico se comportam tal qual um scanner, operando uma varredura na tela.

A usabilidade é o “bom uso” da navegação dentro dos parâmetros que obedecem a critérios como: eficiência, efetividade e satisfação do usuário. A efetividade acontece quando o usuário consegue os objetivos iniciais da interação, isto é se ele encontra o que procura no sítio aonde ele chegou. Já a eficiência está, para os estudiosos da usabilidade, no sentido de que o usuário deve realizar o menor esforço possível para obter o que deseja naquele sítio. Um critério de avaliação pra isso é averiguar se há desvios no percurso do usuário (ineficiente), ou se há atalhos que facilitem a finalização da sua tarefa (eficiente).

No webjornal, os critérios de usabilidade devem permitir ao leitor uma apreensão da informação jornalística. Assim, a preocupação é organizar a estrutura do jornal de modo a orientar o leitor dentro dos seus canais (ou editoriais). Para os webjornalistas, organizar a linguagem na internet é se valer de algumas contribuições que o estudo da usabilidade oferece, sobretudo no que se refere às peculiaridades da leitura em suporte eletrônico. A satisfação vem do conforto em encontrar a montagem plausível do sentido. A linguagem funciona, deste modo, como motor da navegação: é preciso que ela esteja disposta segundo critérios que movimentem o usuário na rede. Tanto quanto eficazes, esses dizeres são breves: explicam-se pelo poder do agora e logo perdem a validade, para que outros dizeres ocupem aquele espaço, sob a mesma lógica, e logo se tornem também descartáveis e reclamem outros dizeres.

É de tal modo que identificamos nos dizeres que nomeiam o jornal, em seu logotipo, além da cor metalina, a marca do itálico. A ferramenta de formatação itálica, proposta pelos editores de textos tão comuns à esfera eletrônica, apresenta um desenho da letra sob a forma de uma ligeira inclinação à direita. O itálico é comumente usado para o grifo: o destaque de um fragmento de texto. Há, assim, uma ênfase na nomeação do webjornal: último segundo (que nos indica a fragmentação do tempo em unidades mínimas; o agora). Mas também uma disposição visual do texto, cuja inclinação sugere uma sensação de movimento. Ao invés da letra vertical, rígida: seu declive à direita (que é, até mesmo, a orientação dos nossos olhos no processo da leitura: da esquerda para direita). Os dizeres não estão fixos, mas de passagem.

Observa-se também, ao centro do logotipo, um desenho que contorna uma figura circular, de cor vermelha, situado entre os vocábulos que designam o nome do jornal. Há, no contorno da esfera, um traçado em branco, sugerindo um movimento circular. É uma esfera, com divisões internas, compondo doze partes, aparentemente, iguais: o que neste aspecto lembra um relógio. Contudo não há evidência de ponteiros. Não se propõe uma circulação mecânica do tempo. As horas existem, continuam em circuito, mas a tecnologia lhe permite outra rítmica que preenche as unidades de tempo, de tal modo que elas podem ser exploradas em graus de intensidade. Não é o ponteiro que cadencia o tempo, mas a velocidade com que se capta a passagem. A esfera é de cor rubra: indicando celeridade. Mas a passagem do tempo é simbolizada

pelo branco, que remete à leveza. Percebe-se também como o branco preenche a unidade de tempo que está em via: ele ocupa toda sua parcela. É o preenchimento da passagem, como condição de ocupação do tempo.

É interessante observar a relação entre tempo e linguagem na hipermídia. A linguagem apela para uma literalidade: constitui-se de informação e, portanto, por uma vontade de transparência do real³. As informações no texto eletrônico, todavia, estão dispostas em variados formatos (multimídia), de modo a estimular, além da cognição rápida (o texto em tempo real), a capacidade de ativar diversos canais sensoriais em conjunto, para condição de um maior aproveitamento do texto. O homem é hiper estimulado, para estar de acordo com a regência temporal das tecnologias. Os homens, assim como os aparelhos eletrônicos, ligam-se em rede para processar informações. E devem prestar um bom funcionamento.

Há múltiplas informações emergindo, e se refazendo, simultaneamente. E cada uma delas, na sua relação com outras, reclama novos sentidos, possibilidades de leitura, pontos de vista. Há que estimular toda a atenção para arranjá-las, navegar na sua superfície, tecer ligações, encadear. É cogente reter o instante, deflagrá-lo, esgarçar seu poder de agora e as dimensões que guarda, navega-lo, deixar-se submerso, até se diluir, menor, porque não há destino, e tudo é móvel, e flui, e já é outro.

A questão que aqui se coloca é se não estamos tratando de formas de significação e de textualidade coerentes com relações de poder vigentes na contemporaneidade que controlam pelo hiperestímulo da atenção. Se considerarmos o cenário político da globalização, vamos encontrar operações econômicas flutuantes. Enquanto o Estado se caracterizou como a disciplina da atenção, através de suas instituições; o mercado não se delimita centros. Ele é dispersivo: está em todos os lugares. É por isso que a lógica do controle lhe é tão cara: a atenção não é dirigida; ela é desviada. O paradoxo desse jogo de poder é que a atenção é distraída pelo excesso de solicitação.

O desfiar itinerante de informações; o agenciamento de todos os estímulos sensoriais (multimídia); a exigência de ser célere e versátil, num eleger contínuo de novas vias associativas; ou em outros termos: a adaptação a uma funcionalidade maquínica exige do homem contemporâneo uma hiperexcitação. O estímulo em excesso provoca um grau deficiente de concentração⁴.

Por fim gostaria de questionar se o processo de dispersão hipermidiática não faz da diminuição do silêncio uma política de controle. O silêncio é justamente a elaboração dos sentidos. A pausa necessária. O freio de arrumação. É a intermitência no processamento e organização das falas. O silêncio é o direito de significar. Ele atravessa as palavras, repousa nelas, e precisa que se calem, por vezes, para que ele estenda seu arranjo dos dizeres. O silêncio cadencia uma rítmica com as palavras que compõe a significação.

Prado Coelho também se detém sobre o silêncio como o “outro” da comunicação, ou a interrupção necessária para arranjar o sentido - condição da linguagem. E propõe um elogio da incomunicação (e aí está o silêncio) como resistência a um regime de atenção capitalista que intensifica o processo de percepção criando, em outra via, anestesia e passividade.

“A questão é: que tipo de modelo democrático quando nos confrontamos com este regime de atenção crispada ou extática sobre um fundo de desatenção permanente, desagregador ou ameaçador, ou quando nos confrontamos com um tempo do valor-informação que não é o tempo da elaboração do saber, confronto dos argumentos ou da deliberação comunitária?” (COELHO, 2004, p. 57).

Conforme sublinha Orlandi quando trata do silêncio como princípio de significação e fundador de sentido, de acordo com o compasso que estabelece com as palavras. Mas o silêncio, no discurso, também pode ser apagamento de sentido, como é o caso da censura.

“Assim é que vemos a relação entre palavra e silêncio: a palavra imprime-se no contínuo significante do silêncio e ela o marca, o segmenta e o distingue em sentidos discretos, constituindo um tempo (tempus) no silêncio. Podemos enfim dizer que há um ritmo no significar que supõe o movimento entre silêncio e linguagem” (ORLANDI, 1992, p.25).

É a propósito dessa rítmica que queremos achar o movimento do silêncio numa plástica textual que se tece a partir de uma referência de um tempo-espaço contínuo e sem demarcação de fronteiras. De um texto que se experimenta enquanto continuidade, e não obra. Onde estará o sopro significativo do silêncio nesse desdobrar-se infindo de dizeres? Pensamos, por hora, que a hipermídia institui uma política peculiar de silêncio: não o silêncio para apagar os dizeres, mas os dizeres para apagar o silêncio. É diferente da censura. A censura disciplina os dizeres pela instituição do silêncio. A lógica de um poder acentral (como o capitalismo contemporâneo) atua na contramão: controla os sentidos pela dispersão das palavras e o apagamento do silêncio.

NOTAS

¹ A discussão de tempo e espaço no suporte eletrônico nos interessa, na medida em que a relação do homem com o texto admite referencial espaço-temporais.

² BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³ Sabemos, contudo, segundo a concepção discursiva que orienta nosso trabalho, que todo texto é opaco: não há evidência, mas constituição do sentido.

⁴ Uma das patologias da contemporaneidade é conhecida como Hiperatividade, ou DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção), que é, em linhas bem gerais, desencadeada pelo exagero de estímulos e a dificuldade de dirigir a atenção para uma atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. M. Lahud & Y. Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, Eduardo Prado. *O fio da modernidade*. Lisboa: Ed. Notícias, 2004.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Huber L. & RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LUCENA, Ivone Tavares de. *Fiando as tramas do texto*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discursos: Princípios e procedimentos*. Campinas: Ed. Pontes, 1999.

_____. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso – Estrutura ou Acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. RJ: Redume Dumará, 2002.

SOUZA, Tânia. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: RUA – *Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*. Campinas, SP, n.7, março 2001.

SITES

<http://ultimosegundo.ig.com.br>

www.websinder.com.br